

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Lauren Portella

AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONCEITO DE
AMOR LÍQUIDO DE ZYGMUNT BAUMAN, NO CASO
DO APLICATIVO TINDER

Passo Fundo

2015

Lauren Portella

AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONCEITO DE
AMOR LÍQUIDO DE ZYGMUNT BAUMAN, NO CASO
DO APLICATIVO TINDER

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da
Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de
Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Ms.
Fábio Luis Rockenbach.

Passo Fundo

2015

Lauren Portella

***AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E O CONCEITO DE AMOR LÍQUIDO DE ZYGMUNT
BAUMAN, NO CASO DO APLICATIVO TINDER***

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Ms. Fábio Luis Rockenbach.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Fábio Luis Rockenbach – UPF

Prof. _____ – _____

Prof. _____ – _____

Dedico este trabalho a minha família e aos que sempre estiveram comigo.

O caminho percorrido para chegar até aqui envolveu muitos obstáculos, que auxiliaram no meu crescimento profissional e pessoal. Agradeço a meus pais, em primeiro lugar, que me apoiaram em tudo, desde o primeiro momento. A minha irmã por me ajudar e me guiar em todas as escolhas.

Agradeço ao meu orientador, Prof.Ms. Fábio Luis Rockenbach, por auxiliar no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a Prof. Bibiana Friderichs que sempre esteve disponível para me auxiliar com o tema. Destaco também os demais professores que auxiliaram na caminhada através do curso.

Agradeço ainda ao Guilherme, que foi meu companheiro durante esse período, me incentivando sempre. E a todos os amigos e colegas de trabalho por sempre me apoiarem.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo verificar se os conceitos de relações expostos nas teorias do filósofo Zygmunt Bauman sobre a pós-modernidade e a fragilidade dos laços humanos, podem ser comprovadas através de uma análise das relações virtuais, através das plataformas digitais como o aplicativo Tinder o dos mais acessado da atualidade. É o que busca este Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, tal análise além de embasada na literatura de Bauman, busca citar relacionar com os conteúdos de autores como Raquel Recuero e Andre Lemos. A pesquisa também é constituída com a ajuda de um questionário aplicado através das redes sociais, em 68 usuários do aplicativo em questão. Através deste trabalho, percebeu-se que a forma de se relacionar está mudando e acompanhando a evolução tecnológica, e, com isso, a insegurança e o consumo emocional, resultados dessa nova era, passam a substituir valores de sociabilidade pregados até então.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais, Aplicativo, Relações Virtuais

ABSTRACT

This work has the objective to verify the concepts of relations exposed in the theories of the philosopher Zygmunt Bauman on the postmodern and the fragility of human bonds, may be evidenced by an analysis of virtual relationships through digital platforms such as Tinder application the most accessible today. It is he who seeks this Working Journalism Course Completion of the University of Passo Fundo, such analysis as well as grounded in Bauman literature search name relate to the authors of content such as Raquel Recuero and Andre Lemos. The research is also made with the help of a questionnaire applied through social networks, in 68 users of the application in question. Through this work, it was realized that the way to relate is changing and following the technological evolution, and, therefore, insecurity and emotional consumption, results of this new era, begin to replace sociability values preached before.

Keywords: Social networks, App, Virtual Relations

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. INTERAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS.	12
2.1 - Visibilidade no Ciberespaço	14
2.2 - A Era da Mobilidade	17
3. O AMAR NA ERA VIRTUAL.....	20
3.1 - Sexo real ou Virtual	23
3.2 Consumo Emocional	25
4. METODOLOGIA E ANALISE	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EVOLUÇÃO DAS RELAÇÃOE	27
FIGURA 2 – CASAL CONTEMPORÂNEO.....	27
FIGURA 3 - USO DO TINDER POR SEXO	31
FIGURA 4 - DURAÇÃO DAS RELAÇÕES	32
FIGURA 5 - RELAÇÕES SEXO-AFETIVAS	33
FIGURA 6 - ALTER EGO.....	34
FIGURA 6 – EXPOSIÇÃO	35

1 INTRODUÇÃO

É possível perceber que a internet assumiu um papel importante na vida da população, e qualquer plataforma que melhore esse acesso aos meios digitais terá um destaque nesse meio. Ao mesmo tempo, a interatividade simultânea quebrou os padrões de estabilidade, e passou a ditar regras de comportamento, um exemplo, são os aparelhos móveis como celulares, que acabam sendo um “teletudo” como cita Lemos (2005). “(...) A revolução do acesso à internet sem fio, o Wi-Fi, mostra como as relações sociais e as formas de uso da internet podem mudar quando a rede passa de um “ponto de acesso” para um “ambiente de acesso” que coloca o usuário em seu centro.”(LEMOS, 2005. p.16)

Essas mudanças e preferências que estão surgindo a cada dia, também acompanham os interesses dos usuários e o desejo de individualidade, transformando-os em novas plataformas ou aplicativos, e também ressalta a era da insegurança e das crises de identidade, onde os usuários criam perfis falsos e inventam uma realidade online para suprir os desejos da vida offline.

Em consequência deste contraste de identidades do indivíduo de uma modernidade líquida, conceituada por Bauman, vemos relações “descartáveis” para o sujeito pós-moderno como cita Bauman (2004), que não se sujeita ao padrão, até então, tradicional de relacionamentos seguros, pois fica aberto a novas possibilidades de relações surgirem.

Aplicativos de paquera podem ser relacionados a um catálogo virtual onde se encontra todos os tipos de intenções, mas que pautam o novo tipo de laços humanos, as relações sexo-afetivas e ao mesmo tempo, efêmeras. É em contextos como esse que podemos recorrer a Bauman (2005) quando este afirma que a sociedade está perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais.

E para verificar se as relações interpessoais no aplicativo Tinder refletem as ideias de Bauman acerca da modernidade e do amor líquido, partimos de uma revisão bibliográfica e um estudo de caso, organizado em três etapas: 1) o reconhecimento de um território de discussão sobre redes sociais, contemplando reflexões acerca da sua relação com os processos de comunicação e manifestação em ambientes digitais; 2) o mapeamento do conceito de modernidade líquida e de amor líquido na obra do autor já referido; e, finalmente, 3) a proposição de relacionar tais leituras com um estudo do caso do aplicativo Tinder de forma dialógica, no sentido de compreender sob que aspectos os conceitos mencionados se aproximam ou distanciam e revelar algumas relações possíveis entre os laços sociais decorrentes das redes digitais e a leitura sobre tais laços feita por Bauman.

Através de um estudo de caso, com tema e foco definidos, partiu-se para a realização de entrevistas dos agentes visando compreender a forma de se relacionar e sua transformação, acompanhada da evolução tecnológica, e a partir das respostas desses 68 entrevistados, recorrer aos conceitos de Bauman durante a análise e compreensão desses dados.

2 INTERAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Todos os anos são lançadas novas tecnologias que melhorem a qualidade de vida da sociedade, tais novidades trazem questionamentos e reflexões sobre as mudanças que ocorrem no comportamento da população com o passar do tempo. Transformações que não são apenas visíveis como nas tecnologias, roupas, construções ou alimentos. São transformações comportamentais que começaram a ser moldadas a partir da revolução tecnológica que aconteceu no final dos anos 60, com a Segunda Guerra Mundial, que deu início a computação e a comunicação contemporânea (SALGADO, 2002).

A partir desse marco inicial da computação e da comunicação, o comportamento dos usuários começou a mudar, como mostra Morigi e Pavan (2004). E para compreendermos as transformações que começaram no âmbito da computação, é necessário conhecer o ciberespaço. Lévy (1996) apresenta o conceito “virtual” como uma significação da linguagem, que nasceu junto à humanidade. Para ele o virtual é o mundo abstrato da mente, o mundo das interpretações e das relações geradas a partir das interpretações. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo.

Lévy(1996) ainda comenta que a virtualização ultrapassa os limites geográficos e temporais, para uma unidade de tempo sem unidade de lugar. Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam "não-presentes", se desterritorializam.

Na década de 1990 com a evolução tecnológica dos computadores a interação virtual começa a ganhar a preferência dos internautas, a partir deste momento, os estudos sobre essa nova modalidade de interação começam. Para Recuero (2009, p.23) uma rede social é constituída por dois elementos, atores e conexões, mas que não é possível isolar esses elementos.

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p.23)

É necessário compreender quem são, e qual o papel dos atores, já que as redes sociais e o ciberespaço são constituídos por pessoas, que conforme suas necessidades e interesses constroem e compartilham conteúdo, deixando assim de ser receptores para serem emissores de suas próprias informações. As plataformas digitais passaram a se modificar conforme as

necessidades e dos usuários, e esse conjunto de interesses dos atores, é denominado “poder simbólico” como cita Thompson (2001, p.21).

A posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo ou instituição é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui. No sentido mais geral, poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências. No exercício do poder, os indivíduos empregam os recursos que lhes são disponíveis; recursos são os meios que lhes possibilitam alcançar efetivamente seus objetivos e interesses (THOMPSON, 2001, p. 21).

Neste contexto, os atores estão presentes de todas as formas no ciberespaço, com uma frequência muito grande de produção e compartilhamento de conteúdo simultaneamente. Com isso, a internet passa a ser um poço de informações, o que também abre espaço para o uso indevido desta prática. As formas de interação só aumentam, são novos sites, blogs e redes sociais que surgem todos os dias, no mundo todo. Nesse amplo espectro que ampliação de formas de interação, permite-se, segundo Recuero (2009) que atores moldem estruturas sociais e constituam laços também sociais.

Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Um ator, assim, pode ser representado por um weblog, por um fotolog, por um twitter ou mesmo por um perfil no Orkut. (RECUERO. 2009, p. 25)

Atualmente existem inúmeras opções de redes sociais. Entre as mais famosas no país, estão o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Tinder* e *Whatsapp*¹, entre outras plataformas específicas para cada tipo de interesse, sejam pessoais, profissionais ou econômicos. Tais plataformas apresentam uma identidade, que é responsável por todo o tipo de comunicação presente neste espaço. “(...) Esses espaços de interação são construídos pelos atores para expressar elementos de sua personalidade e individualidade.” RECUERO (2009, p.25).

Essas plataformas e comunidades são responsáveis por incentivarem a troca de informações, promovendo a chamada “sociabilidade moderna” em torno de um assunto ou objetivo em comum. Esses assuntos e objetivos comuns nos ajudam a compreender o conceito de Tajra (2002) para comunidade virtual, um conjunto de pessoas disponíveis para interesses comuns. Já Lemos acredita que essa interação ultrapassa os limites geográficos. “As

¹*Facebook* – [facebook.com](https://www.facebook.com) / *Twitter* – [twitter.com](https://www.twitter.com) / *Instagram* – [instagram.com](https://www.instagram.com) / *Tinder* - [gotinder.com](https://www.gotinder.com)
Whatsapp - [web.whatsapp.com](https://www.web.whatsapp.com)

comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. (LEMOS, p. 93, 2002)

As comunidades virtuais conceituadas por Tajra e Lemos possibilitam uma grande troca de experiências e facilitam a comunicação entre os internautas, a partir do momento em que as tecnologias propiciam essa desterritorialização. Assim, conversar com alguém que está em outro país é fácil. Ou seja, a proposta vendida no ciberespaço é de que o usuário das redes sociais nunca estará sozinho no mundo virtual, sempre a um clique para conversar com todos os amigos no *Facebook*. “Nesse mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado” (BAUMAN, 2011, p.15).

2.1 Visibilidade no Ciberespaço

A construção da identidade nestes ambientes acaba sendo, em muitos casos, uma auto divulgação dos atores, ou seja, uma forma de aparecer mais que os outros usuários. Partindo desse pensamento, Sibilia (2008) acredita que o crescimento das redes sociais, se justifica pelo desejo de espetacularizar nossa personalidade, expor publicamente a intimidade.

As telas – sejam do computador, da televisão, do celular, da câmera de fotos ou da mídia que for – expandem o campo da visibilidade, esse espaço onde cada um pode se construir como uma subjetividade alterdirigida. A profusão de telas multiplica ao infinito as possibilidades de se exibir diante dos olhares alheios e, desse modo, tornar-se um eu visível. (SIBILIA, 2008, p.11)

“Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro.” (SIBILIA, 2008. p. 27) . Essa necessidade de exposição é chamada de “imperativo da visibilidade” uma ânsia de “existir” no ciberespaço, como ressalta Sibilia (2008, p.27).

“Milhões de usuários de todo o planeta — gente “comum”, precisamente como eu ou você — têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade.” (SIBILIA, 2008. p. 27)

Essa apropriação faz com que o ato de utilizar as redes sociais para se promover, ou se tornar famoso, é uma prática frequente entre os jovens usuários. Recuero (2009) ainda completa que nesses espaços é necessário colocar informações que gerem a individualidade.

Esse imperativo, decorrente da intersecção entre público e privado, pode ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É

preciso ser "visto" para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se deste local e constituindo um "eu" ali (RECUERO, 2009, p. 25).

Para Primo (2013) bolhas identitárias se proliferam nas redes sócias esquecendo e ignorando a desconstrução das crenças tradicionais sobre identidade. Ele ainda reforça que a novidade não é criar múltiplas identidades e sim, brincar e encenar com essa verdade até o limite da transmutação e da metamorfose identitária. O importante é aparecer no espaço online. A imagem criada ali passar a ser mais importante do que a verdadeira imagem real, mas para Semerene (1999) não há diferença na imagem criada no mundo real e o virtual.

Essas são as promessas ou as potencialidades fornecidas pelos chats. Porém, questiona-se se tudo não passa de uma grande ilusão, já que um espaço foi criado exclusivamente para que a revolução apenas se dê ali e não escape. É um espaço de confinamento, ou de sublimação. Além disso, a liberação nos chats esbarra nas possibilidades da linguagem (...). A linguagem é um muro para a sexualidade, é o motivo pelo qual a relação sexual é sempre angustiante, pois não há correspondência entre o que um fantasia e o que o outro é. Nesse ponto, não há diferenciação entre o mundo real e o virtual. Em ambos, o que vale é a imagem que o outro tem de mim. O parecer é mais importante que o ser (SEMERENE, 1999, p.36).

Se nesse aspecto não há diferenciação entre o mundo real e virtual, as interações sociais são feita indiferente de um vínculo territorial, já que, esse é um dos fatores que a internet possibilita conhecer pessoas de diferentes lugares sem sair de casa. Como relaciona Recuero (2009), essa aproximação é feita, através de tais comunidades voltadas aos interesses em comum, uma maneira que a sociedade encontrou para criar laços afetivos com pessoas de outras cidades, estados ou até países.

As comunidades de associação parecem agregar-se em torno de interesses comuns voltadas para a identificação e o “estar junto” mais independente da interação social mútua entre os atores. Trata-se de outro extremo estrutural em relação às comunidades emergentes. Por causa disso, essas comunidades não mostram um vínculo territorial entre os atores, como as comunidades emergentes parecem mostrar. (RECUERO. 2009, p. 162)

A criação dessas comunidades por interesse e associação acabam por limitar o processo á relação do usuário com a máquina. Porém, para Primo (2007) a mediação entre o computador e os atores deve ir além da máquina. (...) Interagir não é algo que alguém faz sozinho, em um vácuo. Comunicar não é sinônimo de transmitir. Aprender não é receber. Em sentido contrário quer-se insistir que interação é um processo no qual o sujeito se engaja (PRIMO, 2007, p. 71).

Wolton (2003) acredita que a interação real se perde em meio à interatividade supérflua e a internet afasta o usuário de contatos físicos. “Na realidade, sempre chega o

momento em que é preciso desligar as máquinas e falar com alguém” (WOLTON, 2003, p.103). Já Giardelli (2012) acredita que a vida social real, passa a ser vida social na rede.

Na dualidade digital, pessoas criam identidades imaginárias, usam avatares e passam horas, dias, anos em uma existência paralela, com amigos virtuais em uma encenação séria da vida. O poder do computador, com seu dom de simulação e visualização, muda nosso jeito de pensar e altera toda a nossa cultura. Precisamos repensar conceitos, revisitar costumes, resolver problemas que nunca sonhamos que um dia teríamos, causados por essa interface dúbia entre o real e o virtual. (GIARDELLI, 2012, P.17)

O autor ainda faz a relação sobre o alterego digital, uma dupla personalidade do usuário que aparece nas redes sociais, se sujeitando a uma exposição benéfica, mas totalmente contrária a personalidade “real”, isto é, fora do ciberespaço.

O mundo on-line parece um grande palco de teatro de espelhos, no qual o tímido se torna extrovertido, o calmo se torna visceral, o rude se torna romântico. A inconveniência da verdade é criar um alterego digital acima da lei, viver uma vida paralela completamente diferente da real, que permite namorar em Paris, tomar café com amigos virtuais em Roma, pular de paraquedas do Everest ou visitar uma praia de hedonismo no Caribe. (GIARDELLI, 2012, p.17)

Através de perfis em redes sociais, os usuários passam a escrever menos, e se comunicar mais através de fotos e vídeos para expressar o sentimento do momento. As novas plataformas de comunicação também promovem uma facilidade de conhecer novas pessoas, e também, uma sociabilidade maior para quem, na vida real tem dificuldade de comunicar. Bauman reforça o problema dos laços afetivos, em interações nas novas comunidades virtuais, por não ser possível a formação de uma identidade saudável.

Absortos em perseguir e capturar as ofertas do tipo “entre agora” que piscam nas telas do computador, estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais [...] Tampouco podem essas “comunidades virtuais” dar substância à identidade pessoal - a razão básica para procurá-las. Pelo contrário, elas tornam mais difíceis para as pessoas chegar a um acordo com o próprio eu (BAUMAN, 2005, p. 31).

A falta da conversa “olho no olho” permite uma liberdade maior de expressão, e também a facilidade de tratar assuntos que pessoalmente seriam complicados. Wolton explica esse tipo de interação com o termo “**solidões interativos**”, pois as comunidades voltadas a interesses específicos podem distanciar o usuário da heterogeneidade. “Pode-se ser um exímio internauta e ter grandes dificuldades em estabelecer um diálogo com o vizinho do cibercafé” (WOLTON, 2003, p. 103).

Outro autor que faz uma crítica as interações digitais, é Dominique Wolton, para ele, a vida depois da internet saiu prejudicada, e os internautas passaram a ter “**solidões**

interativas” um termo usado para explicar a falta de relações fora do ambiente virtual. “Não podemos negar que a internet trouxe uma abertura formidável. Mas depois de um tempo, pode virar prisões individuais: as pessoas se trancam e não se comunicam com valores diferentes dos seus.” (WOLTON, 2010) Bauman (2011) ainda completa, que a contemporaneidade trouxe muita facilidade, inclusive de se desligar do mundo real.

Tudo somado, a internet facilita demais, incentiva e inclusive impõe o exercício incessante da reinvenção – numa extensão inalcançável na vida off-line. Esta é, sem dúvida, uma das mais importantes explicações para o tempo que a “geração eletrônica” gasta no universo virtual: o tempo gradual e crescentemente utilizado no mundo virtual em detrimento do tempo passado no mundo “real” (off-line). (BAUMAN, 2011, p.16)

Bauman também fala sobre a falta da conversa frente a frente, e a defasagem que tal ausência resulta nos laços humanos. Ele ainda reforça que para os jovens o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e conflitos que existem no mundo real.

Numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a “vida real”. Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breves, superficiais e sobretudo descartáveis. As relações virtuais contam com teclas de “excluir” e “remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda. (BAUMAN, 2011, p.15)

Essa simultaneidade possível através das redes sociais e dos aplicativos em aparelhos móveis propõe registrar e compartilhar cada momento de nossa rotina, o que acaba gerando uma exposição excessiva da vida privada. Isso faz com que a sociedade esteja cada vez mais ligada a era da modernidade tecnológica, e ao mesmo tempo cada vez mais vivendo online e deixando de lado a vida real. (...) A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições. (BAUMAN, 2001, p.158).

2.2 A Era da Mobilidade

A evolução tecnológica trás ao sujeito pós-moderno inquietudes resultantes da interação digital, do afastamento e da ausência de relações pessoais, que aumenta com a popularização dos celulares. Com a influência dessas novas tecnologias, os celulares se tornaram uma extensão cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. Através das

convergências tecnológicas, atualmente os celulares possibilitam um acesso mais fácil às redes sociais, onde o usuário passa a ficar conectado mesmo longe de um computador.

“O celular, ao eliminar barreiras vinculadas ao tempo e ao espaço, tornou-se um elemento agregador por possibilitar aos sujeitos um estado de conexão quase permanente” (MANTOVANI, 2005). Lemos (2005) coloca que estamos na era da conexão. “Ela não é apenas a era da expansão dos contatos sobre forma de relação telemática, isso caracterizou a primeira fase da internet, a dos “computadores coletivos” (CC). Agora temos os “computadores coletivos móveis (CCm)”.(LEMOS, 2005, p. 4)

Essa facilidade de acesso rápido através da internet sem fio oferece inúmeras possibilidades para seus usuários, tornando-os escravos do “nomadismo tecnológico da cultura contemporânea” como cita Lemos (2005).

A internet sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público (onde estamos quando nos conectamos à internet em uma praça ou quando falamos no celular em meio à multidão das ruas?), a privacidade (cada vez mais deixaremos rastros dos nossos percursos pelo cotidiano). (LEMOS, 2005.p 4)

É perceptível que a internet assumiu um papel importante na vida da sociedade, e qualquer plataforma que melhore esse acesso, tende a ser a mais acessada. Ao mesmo tempo, essa possibilidade de interatividade simultânea quebrou os padrões de estabilidade, e passou a ditar regras de comportamento. Lemos acredita que um exemplo ~~demonstrado~~ são os aparelhos móveis como celulares, que acabam sendo um “teletudo”. “De medium de contato inter-pessoal, o celular está se transformando em um media massivo.”. (LEMOS, p.16, 2005)

Se a ideia de poder acessar qualquer conteúdo através do computador já era encantadora, com o celular essa possibilidade aumenta, pois podemos ter contato com qualquer tipo de informação 24 horas por dia, e em qualquer parte do mundo. “A possibilidade de interagir com um outro [sujeito] a qualquer hora e lugar tornou o celular quase uma prótese de interação, ampliando a capacidade de os sujeitos se conectarem uns aos outros, nas situações mais diversas.” (MANTOVANI, 2005, p.8).

Essas mudanças e preferências que estão surgindo a cada dia, também acompanham os interesses dos usuários, o desejo de individualidade, transformando-os em novas plataformas ou aplicativos. A portabilidade desses aparelhos faz com que o usuário passe a levar para qualquer lugar que vá, em consequência disso, o usuário passa a documentar a própria vida, para ITO (2003) a cidade não é mais um espaço anônimo.

Devido sua portabilidade, espaço virtual igual (virtual peerspace), a cidade não é mais um espaço urbano anônimo; até mesmo ao sair para fazer compras, jovens irão mandar fotos aos amigos dos pares de sapatos que compraram, ou mandar notícias rápidas sobre as ótimas liquidações que estão entrando. Após encontrarem-se face a face, uma seqüência de mensagens de texto continuará as conversas enquanto os amigos se dispersam em trens, ônibus e a pé, dedos polegares datilografando em teclados portáteis numéricos. (ITO, 2003)

A mobilidade moderna atinge cada vez mais usuários no mundo. É mais fácil ver alguém acessando a internet por um celular do que por um computador, isso devido à facilidade e velocidade. Castelo (2007) afirma que já está mais do que provado que os celulares fazem parte da vida das pessoas. Já Frazen (2008) acredita que o celular substituiu o vício do cigarro para muitas pessoas, sendo tão prejudicial quanto, já que os aparelhos móveis pelo amplo leque de opções para seus usuários, passa a ser uma extensão da vida.

(...) eu ficava sentado no metrô, observando outros passageiros abrirem e fecharem seus celulares, nervosos, ou mastigarem as antenas (que lembravam tetas e que todos os telefones tinham à época) ou então simplesmente segurarem firme seus telefones, como se estivessem agarrando as mãos de suas mães, e sentia algo como compaixão por eles. (FRAZEN 2008)

Townsend define, aqui, o conceito de “cidade desplugada”: um espaço totalmente conectado 24 horas por dia, onde “a conectividade espalhou-se por árvores, parques, cafés e outros espaços urbanos públicos de mediação digital recentes. (TOWNSEND, 2003).

3 AMAR NA ERA VIRTUAL

Como vimos no primeiro capítulo, as Redes Sociais são compostas por atores que vivem a sociabilidade moderna através dos meios digitais. Isto é, usam de plataformas digitais para socializar-se com pessoas de toda parte do mundo, quebrando barreiras de territorialização o usuário pode ser quem quiser em seus perfis digitais.

Este capítulo se baseia exclusivamente nas teorias de Zygmunt Bauman, em especial o livro *Amor Líquido* (2004). Ao longo das próximas páginas vamos tratar sobre as relações pessoais, e a importância para o cotidiano da sociedade. Seja em um relacionamento profissional, afetivo ou familiar, faz parte de nossos dias trocarmos informações, confidências e afagos com pessoas de nosso convívio. Porém a forma de se relacionar tem mudado com o passar dos anos, principalmente com a chegada das redes sociais, que permitem estar sempre conectado, sempre fazendo novas relações. Para Zygmunt Bauman essa facilidade de relacionar-se resulta na fragilidade dos laços humanos das relações contemporâneas.

“Pode-se supor [...] que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro” (BAUMAN, 2004, p. 19).

E dentro deste contraste de identidades do indivíduo da modernidade líquida, podemos ver relações “de bolso” ou “descartáveis” como é definida a socialização do sujeito pós-moderno por Bauman (2004). Para ele, o padrão até então tradicional de relacionamentos seguros deixa de existir na pós-modernidade, pois as possibilidades são inúmeras.

Uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retomada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefone na lista [...] Há sempre mais conexões para serem usadas e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura (BAUMAN, 2003 p.79).

Essa efemeridade que Bauman cita é consequência da contemporaneidade, que trouxe mais independência às relações muito mais fácil começar e terminar um relacionamento. De acordo com Bauman (2004) isto acontece devido às ferramentas usadas nas plataformas digitais, que permitem relacionar-se sem estar presente, o que facilita o término quando o sujeito pós-moderno sabe que pode voltar a se relacionar com outras pessoas. Romper uma relação é muito fácil quando são esquecidos os danos colaterais, como ressalta Bauman.

A arte de romper o relacionamento e dele emergir incólume — com poucas (se é que alguma) feridas infeccionadas que exijam muito tempo para cicatrizar e muito cuidado para se evitar os "danos colaterais" (tais como o afastamento de amigos, ou o surgimento de círculos nos quais não se é bem-vindo ou em que se preferiria não entrar) — bate de longe a arte de constituir relacionamentos, pela pura frequência com que se expressa. (BAUMAN, 2005, p.30)

Essa frieza criada pela fuga de danos colaterais está diretamente ligada à praticidade que as redes sociais trouxeram para a contemporaneidade. Quando se tem um perfil em uma rede social, fazer e desfazer de amigos envolve apenas uma tecla. “Sempre se pode apertar a tecla de deletar. Deixar de responder um e-mail é a coisa mais fácil do mundo.” (BAUMAN, 2004, p.12) Relações de curto período são para Bauman (2004) relações de “bolso” ou relações descartáveis.

Uma relação de bolso bem sucedida, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. De fato, você não precisa fazer nada para aproveitá-la. Uma "relação de bolso" é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. (BAUMAN, p.29, 2004).

Mesmo que impactante, as relações pós-modernas assumem uma posição de incerteza sobre o futuro dos laços humanos. “Assim é o futuro, assustadoramente desconhecido e impenetrável” (BAUMAN, p.34, 2005) Tal afirmação nos faz refletir sobre a duração dos relacionamentos. As “relações de bolso” como o autor as chama, distorce o significado do compromisso verdadeiro com alguém. Relações que antes eram sinônimos de compromisso, hoje, as relações passam a ser pautadas pelos meios digitais, mas o fator de começar e terminar uma relação por rede social, não é o único motivo que está influenciando na longevidade das relações modernas. BAUMAN (2004) acredita que a efemeridade de tais relações, está ligada com o fato de ninguém poder garantir que será duradouro.

“Hoje em dia, nada nos faz falar de modo mais solene ou prazeroso do que as “redes” de “conexão” ou “relacionamentos”, só porque a “coisa concreta” — as redes firmemente entretecidas, as conexões firmes e seguras, os relacionamentos plenamente maduros — praticamente caiu por terra.” (BAUMAN, p.100, 2005).

Essa falta de compromisso com as relações sociais que o sujeito pós-moderno desenvolve está cada vez mais visível, a procura por uma relação-afetiva é incessante, porém quando se encontra não se pode garantir o futuro de tal encontro, a incerteza paira no espaço das relações modernas.

Eis aí o conflito da pós-modernidade: as pessoas procuram as relações, os encontros, mas não querem compromisso, nem o trabalho e a responsabilidade que isso implica. Assim, as relações de presença-ausência se desenvolvem em todos os lugares, sobre as redes de 'tele' 'comunicação', ou seja, cada um em sua casa, livre para comunicar ou encontrar com quem quiser (FERNANDES Y FREITAS Apud GONÇALVES, 2008. p.6).

Mas não é só a duração das relações contemporâneas que estão em pauta, o autor também reforça que a forma de conquistar relações, mudou com as mídias sociais. Não é mais necessário se empenhar para conquistar a aprovação do parceiro, sendo “(...) dispensável insinuar-se aos olhos dela ou dele e esperar um longo tempo, quiçá uma eternidade, para que todos esses esforços deem resultados.” (BAUMAN, p.21, 2010). Mesmo que a duração e a forma de conquistar tenham mudado, o fato de se apaixonar ou desapaixonar intriga por sua rapidez e facilidade como cita BAUMAN (2004).

De fato, é possível que alguém se apaixone mais de uma vez, e algumas pessoas se gabam – ou se queixam - de que apaixonar-se ou desapaixonar-se é algo que lhes acontece (assim como a outras pessoas que vêm a conhecer nesse processo) de modo muito fácil. Todos nós já ouvimos histórias sobre essas pessoas particularmente “propensas” ou “vulneráveis” ao amor. (BAUMAN, p.16, 2004).

“Propensas” ou “Vulneráveis” ao amor, os termos usados, pelo autor, ressaltam novamente essa facilidade de começar e terminar uma relação, diferente de antigamente quando se tinha um amor para toda a vida, no máximo dois. Mas amar seria o termo correto para usar nesse contexto? “Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda (...)” (BAUMAN, p.16, 2004).

Mas o que seria este amar que Bauman acredita estar fora de moda? A concepção de amor por Platão é algo grandioso, motivo morrer ou matar. O amor platônico acima do feio ou bonito, envolve a alma e define o ato de amar como um dom, uma virtude.

Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado. Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode incutir tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como o amor. (PLATÃO, p. 10, 1991)

Neste aspecto, a sociedade pós-moderna também deve refletir sobre a diferença do amor e do desejo, sentimentos que movem as relações modernas e principalmente a frustração quando se percebe que era apenas desejo.

“Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um stratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor.” (BAUMAN, p.20, 2009).

O amar está implícito na duração das relações modernas, o indivíduo pós-moderno é atraído pelo desejo de ter um encontro amoroso, mas não se questiona sobre o futuro, como cita Lipovetsky (2004). “Por que o amor permaneceria um ideal, uma aspiração de massa, se não, ao menos em parte, por causa do valor conferido à duração que associam a ele?” (LIPOVETSKY, 2004, p. 74). A intensidade e duração da relação pós-moderna estão ligadas a transformação de comportamento da sociedade sobre este tema.

3.1 Sexo real ou virtual

O sujeito contemporâneo tende a passar por diversas experiências amorosas durante a vida, tais experimentações são chamadas de amor. Como cita Bauman (2004), esses fatores colocam em dúvida o significado da palavra, trazendo a superficialidade das relações efêmeras para o sentimento de amar.

Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. (BAUMAN, p.16, 2004).

As noites avulsas de sexo, como o autor cita acima, também fazem parte dessa transformação das relações pós-modernas, pois não é preciso relacionar-se para sentir prazer. O autor ainda acredita que esses encontros sexuais, intermediados pelas plataformas digitais, e com duração de “apenas uma noite” são arriscados.

Isso significa, porém, que acabaram todas aquelas coisas que costumavam fazer do encontro sexual um acontecimento tão estimulante, embora incerto, uma busca de aventura romântica, arriscada e cheia de armadilhas. (BAUMAN, p.21, 2010).

Tais aventuras românticas de apenas uma noite, embora arriscadas, tem sido a preferência de uma grande parte da população que deseja prazer sem compromisso, ainda sim é comum que o impulso do momento, seja um fator relevante e que frequentemente, interfira na decisão.

A curta expectativa de vida é o trunfo dos impulsos, dando-lhes uma vantagem sobre os desejos. Render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. (BAUMAN, p.14, 2003)

A internet é outra modalidade que vem crescendo neste âmbito de relações modernas é o sexo virtual, anunciado como “seguro” tem ganhado cada vez mais espaço em sites ou blogs. “Hoje, ao contrário do que ocorria no tempo de nossos avós, esses anúncios prometem prazeres sexuais tão instantâneos quanto café ou sopa em pó (“basta adicionar água quente”).” (BAUMAN, p.21, 2010).

E a palavra de ordem nesse caso é a praticidade, pois o usuário não precisa sair de casa ou conhecer alguém em algum evento e depois levar pra casa, pode-se ter tudo isso através de um clique.

O sexo pela internet, entusiasticamente recebido por tanta gente, não é exceção a essa regra melancólica. Alguma coisa se perdeu – se bem que é comum ouvir muitos homens e quase igual número de mulheres dizerem que os ganhos valeram o sacrifício. Os ganhos são: conveniência – redução do esforço a um mínimo; velocidade – encurtamento da distância entre o desejo e sua satisfação; e garantia contra as conseqüências – que, como é próprio das conseqüências, nem sempre seguem o roteiro estabelecido e desejado. Conseqüências raramente são antecipadas, cobiçadas e bem-recebidas. Elas tanto podem se revelar desagradáveis e problemáticas quanto alegres e auspiciosamente agradáveis. (BAUMAN, p.21, 2010)

Anunciar sexo na internet como “seguro” não deixa de ser uma publicidade, mais uma forma de colocar o sexo no mercado de consumo e posteriormente vender o prazer para os solitários. Um catálogo de pessoas, que são escolhidas como se fossem objetos, sem considerar caráter ou personalidade, alvos de consumidores também sem identidade, uma relação sem identidades.

Os sites de relacionamento pela internet (e mais, os sites que oferecem sexo instantâneo) tendem a apresentar parceiros para transas de uma só noite em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcas selecionadas – altura, tipo de corpo, origem étnica, pelos corporais etc. (os critérios variam de acordo com o público-alvo e com o que se considera “relevante”). (...) Nesse processo, de algum modo, o “ser humano” se desintegra e desaparece: não se vê mais a floresta para além das árvores. Escolher seu parceiro sexual num catálogo de traços peculiares e usos desejáveis, como se faz com mercadorias selecionadas em catálogos on-line de empresas comerciais, perpetua o mito que o ato origina; e insinua por si mesmo que cada um de nós, seres humanos, somos menos pessoas ou personalidades cujas qualidades não repetíveis estão todas contidas em nossa singularidade ou peculiaridade, mas uma coleção desordenada de atributos vendáveis ou difíceis de vender. (BAUMAN, p.23, 2011).

Bauman ainda coloca que esse “consumo” causa frustração a cada novo uso. “(...) pessoas que, numa só noite, podem namorar (eletronicamente) mais gente que seus pais – para não falar nos pais deles – teriam encontrado durante toda a vida, mais cedo ou mais tarde descobriam que, como acontece com todos os vícios, a satisfação obtida diminui a cada nova dose da droga. (BAUMAN, 2010, p.22) Essa relação feita pelo autor, é perceptível a mudança na forma de se relacionar, quando comparada com outras décadas.

3.2 Consumo Emocional

Consumir o sexo pela internet passa a ser uma nova experiência, mesmo que acabe frustrando os usuários em algum determinado momento, essa modalidade também é contrária do “fazer amor” ou o “fazer sexo com amor”, uma experiência que perde na qualidade segundo Bauman (2010).

Em suma, ganhou-se em quantidade o que se perdeu em qualidade. O “novo sexo melhorado” via internet na verdade não é a “coisa” que fascinara e encantara nossos ancestrais e os inspirara a escrever inúmeros volumes de poesia para louvar sua glória e esplendor, para confundir o êxtase conjugal com o céu. (BAUMAN, p.22, 2010)

A pós-modernidade trouxe com ela uma nova maneira de consumo, onde, para suprir vazios é necessário consumir. Esse consumo emocional não se dá apenas através de objetos, as relações interpessoais são tratadas como necessidades, impulsões. A satisfação por vezes é momentânea, o que se reflete claramente em tais relações sexo-afetivas.

“O que caracteriza o consumismo não é acumular bens [...], mas usá-los e descartá-los em seguida a fim de abrir espaço para outros bens e usos. A vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do homo consumens” (BAUMAN, 2004, 25P. 67-68).

Essa busca incessante por um parceiro, mesmo que efêmero, também pode ser atribuída aos vícios da sociedade de hiperconsumo. O autor Lipovetsky (2004) acredita que os consumidores contemporâneos buscam por experiências novas, além de produtos, buscam sensações, emoções e sentimentos.

Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal,

coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar; viajar; divertir-se; não renunciar a nada: as políticas do futuro radiante foram sucedidas pelo consumo como promessa de um futuro eufórico (LIPOVETSKY, 2004, p.61)

No âmbito deste consumo, as relações são comparadas com investimentos, se aplicar aquela relação para que um dia ela dê frutos. Ao mesmo tempo, quando tratada como um “investimento” tal relação pode sofrer com as conseqüências deste mercado. Quando o mercado está em alta vale a pena adquirir, quando está em baixa é hora de vender.

É claro. Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorreria fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e maus momentos, na riqueza e na pobreza, “até que a morte nos separe”? Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? (BAUMAN, p.23, 2009).

“Prêmios maiores podem estar acenando”, a frase mostra a superficialidade das relações modernas, pautadas pela disponibilidade de parceiros naquele momento. Superficialidade esta que retoma o fato da pouca duração dos relacionamentos pós-modernos, já que firmar compromisso é jurar ser fiel sempre.

Nas duas figuras abaixo, podemos perceber uma mudança no comportamento da sociedade, a necessidade de consumo junto à evolução das tecnologias e da internet. Se compararmos a mudança na forma de se relacionar em 2015 e em 1980 podemos perceber como estamos passíveis desta transformação tecnológica e como isso interfere de fato nas relações afetivas.

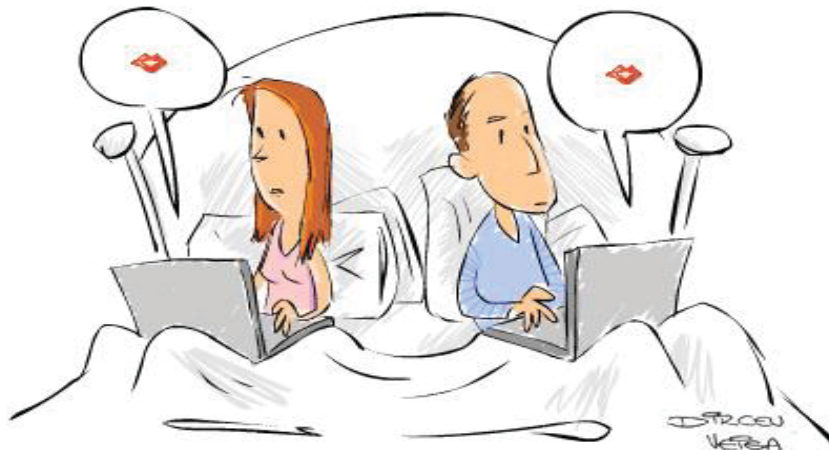
Figura 1 – Evolução das Relações



(Fonte: psicologiadopsicologos.blogspot.com.br)

A sátira imposta na **figura 1** é um exemplo da transformação de comportamento da sociedade contemporânea, ainda que faça referência a uma realidade futurista, já apresentada na ficção científica é uma previsão do que o sujeito pós-moderno já imagina. A ironia imposta na figura se posiciona e também coloca o futuro das relações como algo incerto, e passível de mais transformações, assim como a evolução das tecnologias.

Figura 2 – Casal Contemporâneo



(Fonte: psicologiadopsicologos.blogspot.com.br)

Já na **figura 2**, o exemplo do casal pós-moderno se faz presente, como vimos no primeiro capítulo, essa interação mediada pela internet, junto ao fato de estar conectado o tempo todo, demonstra a fragilidade e a superficialidade dessas relações. Como ressalta Bauman (2004) a sociedade está deixando de viver o momento real, fora do computador, para viver o virtual.

As sátiras impostas nas duas figuras, mostram que essa transformação, é fruto de seguidores de tendências, como o sujeito da pós-modernidade, que se adapta a esta nova realidade e segue cada vez mais rumo a uma sociedade onde o real deixa de ser a prioridade, e o momento real passa a ser vivido apenas online.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

A metodologia escolhida para fundamentar esta investigação é o Estudo de Caso, para isto, devem ser analisados fatores quantitativos e qualitativos, além de explorar o cenário que ambienta a investigação. A base a ser analisada neste aspecto são as características no processo de coleta de dados, assim como compreender o conteúdo que cerca a análise. Neste processo devem ser levantadas questões como o “por que”, “o que” e “quantos” para poder identificar um direcionamento para tal investigação.

Segundo Myers (1997, apud ARAÚJO et al. 2008) a interpretação do estudo de caso pode variar dependendo da perspectiva do pesquisador. Com outra perspectiva Ponte (2006, apud ARAÚJO et al.2008) ressalta que:

“É uma investigação que se assume como partícula rística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse.” (Ponte, 2006:2)

Após o processo de coleta de dados, é importante fazer a decupagem deste conteúdo, ou seja, sintetizar o material recolhido, para transformar em um banco de dados para a utilização na pesquisa. Para desenvolver um estudo de caso, deve-se compreender que é uma investigação com o objetivo de ilustrar os aspectos que cercam o objeto estudado. Neste âmbito sistematizar o tema da pesquisa, “explorar descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”. Gomez, Flores & Jimenez (1996:99, apud ARAÚJO et al. 2008).

Outro fator importante nesta categoria de metodologia é respeitar o objeto analisado, não intervindo com a modificação dos resultados. Deve-se analisar e ser fiel ao que a investigação está demonstrando.

Portanto, o Estudo de Caso aplicado em tal trabalho é uma forma objetiva de ilustrar os fatores levantados e pesquisados, para que junto ao processo teórico e bibliográfico embasar e descrever a mensagem proposta a tal investigação.

4.1 OBJETO

O *Tinder* surgiu em 2012, é um aplicativo para smartphones ou tablets para encontrar e conhecer pessoas para encontros românticos, cruzando informações do *Facebook* e localizando as pessoas geograficamente próximas. De acordo com a descrição do aplicativo,

sua interface basicamente é constituída de uma sucessão de perfis de outras pessoas. Isso é feito de forma anônima. Pode-se também ver mais fotos e informações, se houverem de cada pessoa. Quando dois usuários estão mutuamente interessados um pelo outro, eles são informados e podem começar uma conversa.

Um levantamento feito pelo site Comportamento e Saúde, apontou que uma pessoa apaixonada acessa o aplicativo onze vezes ao dia. E por mês são avaliados cerca de três bilhões de parceiros com potencial. Ainda de acordo com o site, o aplicativo atingiu, em 2014, 100 milhões de usuários no mundo todo, sendo 10% do Brasil.

No aplicativo de paquera Tinder, o usuário pode vincular sua conta a outras plataformas digitais, como facebook e instagram, com esta possibilidade, um segundo usuário pode ter acesso a fotos, informações e amigos em comum com o internauta. Através dessa ferramenta é possível saber mais sobre a pessoa que está se relacionando, porém, a sempre o risco de expor as informações com usuários de intenções duvidosas.

O aplicativo não impõe um número de “match” por dia, ou seja, o usuário pode visualizar e “curtir” quantos perfis quiser já para poder conversar com a pessoa escolhida, é necessário que esta pessoa retribua o match, para poder abrir a caixa de diálogo entre os usuários. Isto é, o usuário do aplicativo pode interagir com inúmeros parceiros em potencial ao mesmo tempo.

4.2 PROCEDIMENTO E AMOSTRAGEM

Para complementar revisão bibliográfica citada nos primeiros parágrafos, foram aplicados questionários anonimamente com quatro perguntas de múltipla escolha, como pode ser constatado no anexo 1, a pesquisa foi realizada pela plataforma online Google Docs. Os questionários foram veiculados através de redes sociais da autora, no período de setembro de 2015 a novembro de 2015. Participaram da pesquisa 68 homens e mulheres com idades entre 18 anos a 30 anos, de várias partes do Brasil. As respostas do questionário vão dar embasamento para uma análise maior do assunto, ressaltando um resultado sobre a forma de comunicação intensa neste espaço.

4.3 ANÁLISE

Cercar os fatores que estão mudando a forma da sociedade se relacionar, é compreender o processo comunicativo e de evolução do comportamento do ser humano, e para isto, nos capítulos anteriores foram levantadas teorias sobre as transformações na interação dos usuários no ciberespaço, além da modernidade líquida do autor Zygmunt Bauman.

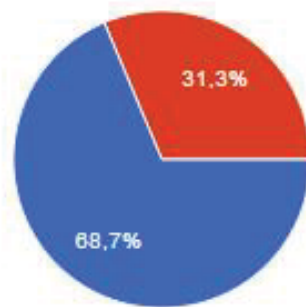
Para identificar as mudanças neste comportamento contemporâneo nas relações, como os autores afirmam nos capítulos anteriores, a metodologia deste trabalho, utilizou um questionário anônimo. Tal questionário foi composto por quatro questões de múltipla escolha, buscam interpretar os fatores que fazem os usuários do Tinder procurarem por tal plataforma. Os dados coletados na pesquisa, a partir de gráficos, vão ser analisados a baixo, e comparados com as teorias já tratadas até aqui.

Figura 3 - Uso do Tinder por sexo



Fonte: A autora

A pesquisa veiculada através de redes sociais teve a participação de 68 usuários do Tinder, com idades variadas, entre 18 anos a 28 anos. E como demonstra a figura 3, a maior parte, 51,5% dos participantes é do sexo feminino, para 48,5% do sexo masculino. As questões foram baseadas nas teorias tratadas nos primeiros capítulos.

Figura 4 - Duração das relações**Você já teve relações no Tinder que duraram pouco?**

Sim	46	68,7%
Não	21	31,3%

Fonte: A autora

Como podemos perceber a **figura 4**, faz referência ao tempo de duração das relações que começaram no aplicativo. E está relacionado à teoria principal de Amor Líquido do autor Zygmunt Bauman, que acredita que o curto período dos relacionamentos, é causado pela mudança no comportamento da sociedade, e um dos problemas da pós-modernidade é a falta de compromisso nas relações.

Bauman (p.29, 2009) que acredita na curta duração dos relacionamentos modernos. No gráfico, 68,7% dos entrevistados dizem que tiveram relações no aplicativo, de pouca duração. Este resultado demonstra que mais da metade dos usuários que utiliza essa plataforma, possui relações com outros usuários, mas que não tem durabilidade como cita Bauman (2003).

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. (BAUMAN, p.11, 2003)

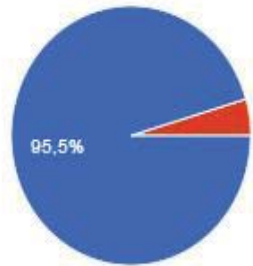
Os motivos desse resultado podem ser múltiplos, como podemos ver no capítulo anterior, um dos fatores que se espelha neste resultado é a falta de interesse em firmar um compromisso, como cita FERNANDES Y FREITAS (2008. p.6) onde as pessoas procuram ter encontros, mas não querem ter compromissos.

Esse fator também pode estar relacionado com a quantidade de ofertas no mercado das relações, como acredita Bauman (2004), ninguém pode garantir que a relação irá ser

duradoura, tão pouco garantir que não aparecerá alguém mais interessante, e por isso firmar um compromisso barra essa possibilidade.

Figura 5 - Relações sexo-afetivas

Você acredita que muitas pessoas utilizam o aplicativo para ter apenas relações sexo-afetivas?



Sim	63	95,5%
Não	3	4,5%

Fonte: A autora

A **figura 5** mostra que além da efemeridade das relações pós-modernas estar explicita na pergunta anterior, outro fator é relevante nas respostas, a falta de compromisso, de garantia. Como mostra a **figura 5**, 95,5% das pessoas que participaram do questionário acreditam que as pessoas usam o aplicativo apenas para ter relações sexo-afetivas, ou encontros sexuais sem compromisso. Para Bauman (p.21, 2010) graças às transformações das relações modernas, não é preciso se comprometer para sentir prazer, ainda sim, essa prática intermediada por plataformas digitais se torna arriscada.

Hodson identificou o paradoxo do que qualifica como “cultura da gratificação instantânea, descartável” (que ainda não é universal, mas está em rápida expansão): pessoas que, numa só noite, podem namorar (eletronicamente) mais gente que seus pais – para não falar nos pais deles – teriam encontrado durante toda a vida, mais cedo ou mais tarde descobriam que, como acontece com todos os vícios, a satisfação obtida diminui a cada nova dose da droga. (BAUMAN, p.22, 2007)

Tal satisfação que diminui a cada dose como o autor cita, pode ser interpretado no resultado da questão, onde mesmo sabendo que a maior parte dos usuários do aplicativo, só procura por encontros casuais, ainda sim, a procura pelo aplicativo continua. Ou seja, encontros de apenas uma noite, podem ser um novo padrão na procura e na forma de se relacionar.

Figura 6 - Alter ego

Para construir um perfil que gere interesse no Tinder, o usuário cria, em muitos casos, um alter ego digital. Ou seja, qualidades e interesses que possam atrair mais pessoas. Você concorda com isso?



Fonte: A autora

Como mostramos no capítulo “Interações nas plataformas digitais” criar um alter ego, uma personalidade diferente e mais atraente, é uma prática comum em diferentes redes sociais. Criar ou modificar a personalidade para chamar a atenção na internet, pode ser um processo problemático como afirma Hall.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, pág. 12)

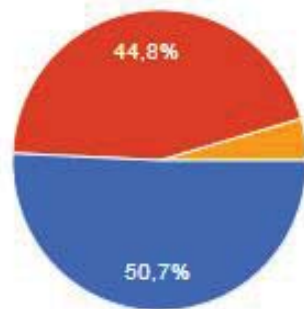
O termo “imperativo da visibilidade” ou a ânsia de “existir” no ciberespaço, como coloca a autora Sibilia, pode ser identificado na resposta da terceira questão. “Em uma atmosfera como a contemporânea, que estimula a hipertrofiado eu até o paroxismo, que enaltece e premia o desejo de “ser diferente” e “querer sempre mais”, são outros os desvarios que nos assombram.” (SIBILIA, 2008, p.3)

Para ter um perfil melhor, e se destacar em meio à multidão online, o usuário tende a aumentar as qualidades, para atrair mais olhares, como uma autopromoção de si mesmo. Como demonstra na **figura 6**, 83,6% dos participantes, concordaram com a existência de

usuários que para se divulgarem nas plataformas digitais, acabam criando um alter ego, que o deixe mais interessante. Ou seja, esses 83,6% dos usuários concordam com a teoria de Sibilia, onde os internautas precisam se destacar para se sentirem melhores, mais completos, dependentes da opinião de outras pessoas para saberem que se destacam.

Figura 7 - Exposição

Para você, ter um perfil no Tinder causa muita exposição?



Sim	34	50,7%
Não	30	44,8%
Outros	3	4,5%

Fonte: A autora

Sobre a exposição nas plataformas digitais, os internautas a cada dia ultrapassam mais limites da intimidade nas redes sociais, a linha tênue entre o que publicar e o que não publicar está diminuindo cada vez mais, publicações que antes eram motivo de receio, hoje, são comuns. Um exemplo são fotos íntimas que ultrapassaram as regras impostas pela sociedade sobre moralidade, com todas essas transformações na forma de pensar e ver atitudes como essa, o questionamento maior agora é, ainda existe um limite entre o que se pode divulgar, ou não?

Pensando nisso, a última questão trata sobre a exposição que tal aplicativo pode causar para quem utiliza, diante das respostas podemos analisar que 50,7% dos usuários do aplicativo acreditam que cause muita exposição, já 4,5% dos participantes, acredita que depende a situação. Ainda que o número de respostas que concordam com a exposição do aplicativo seja superior, 44,8% dos participantes acreditam que não estejam se expondo. Tais respostas abrem possibilidade para reflexão sobre essa divisão de opiniões sobre a superexposição nas plataformas digitais.

4.4 A linha tênue da pós-modernidade

A conectividade da pós-modernidade divide opiniões, Zygmunt Bauman acredita que essa nova forma de compreender os laços humanos, através das plataformas digitais, apenas prejudica os usuários, que deixam de viver a vida real para viver o virtual. A diferença entre comunidade e rede, e seu conceito de conectividade, e a facilidade de se desconectar, está implícito neste espaço onde mesmo que o número de amigos virtuais cresça constantemente, os amigos “reais” se afastem. Ou seja, esse conceito de relação virtual, deve ser compreendido como uma forma superficial de conexões online.

As **solidões interativas** de Wolton também podem ser ligadas ao consumo emocional, citado no terceiro capítulo, isto é, mesmo com muitos amigos virtuais, os usuários se sentem sozinhos, e para suprir esse vazio, procuram novas sensações e emoções através de aplicativos e novas plataformas. Isto vai de encontro as repostas das figuras 3 a 7, nas páginas anteriores. Bauman reforça essa ideia, acreditando que os relacionamentos pós-modernos estão no caminho da cultura consumista.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, p.12, 2003)

Os valores estão se modificando, através da mistura entre a vida privada e pública que vemos nos perfis em redes sociais. “Com a internet, não há mais o que se chama, de maneira inábil, de “vida privada”, mas que exprime, contudo, uma vontade de poder conservar uma distância entre si e os outros, de fechar as portas. [...] Subsiste um espaço onde cada um fabrica a sua liberdade.” (WOLTON, 2003, p.105)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem o objetivo de verificar se as relações interpessoais no aplicativo Tinder refletem as ideias de Bauman acerca da modernidade e do amor líquido. Com base nas respostas avaliadas para constituir esta pesquisa é possível dizer que ao utilizar o aplicativo, os usuários têm plena consciência de riscos como, superexposição, perfis falsos ou de alter egos, e relações que podem durar apenas uma noite. Mesmo com todas essas informações, os usuários insistem na utilização desta plataforma como um meio de encontrar pessoas. Essa escolha abre espaço para a reflexão sobre o modo de usar esse espaço.

Através de todo o conteúdo exposto até aqui, e das respostas do questionário, é possível compreender que os usuários de aplicativos como o Tinder, estão mudando a forma de pensar e relacionar, as relações que iniciam neste aplicativo são um exemplo de que o sujeito pós-moderno sabe dos riscos, mas ainda insiste em encontros avulsos, sem compromisso e garantia de duração. Tal suposição vem de encontro com a teoria de Bauman sobre a facilidade e fragilidade nos laços humanos. “(...) em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro.” (BAUMAN, p.10, 2003)

Neste contexto, o Tinder pode ser colocado como um catálogo virtual onde se encontra todos os tipos de intenções, mas que pautam o novo tipo de conceito de laços humanos, as relações sexo-afetivas e ao mesmo tempo, efêmeras.

Essas mudanças e preferências que estão surgindo a cada dia, também acompanham os interesses dos usuários, o desejo de individualidade, transformando-os em novas plataformas ou aplicativos. Mas também trazendo a era da insegurança e das crises de identidade, onde os usuários criam perfis falsos e inventam uma realidade online para suprir os desejos da vida offline, as respostas obtidas através do questionário, apenas reforçam essa realidade.

A mutação na forma de se relacionar não afeta apenas o aspecto amoroso, as mídias digitais afetam diretamente amizades e contatos profissionais, mas essa relação também tem seus prós. Aproximar quem está longe, fazer novas amizades, descobrir oportunidades de emprego, as partes positivas são inúmeras, e devem junto aos contras, serem colocadas na balança pelo sujeito pós-moderno.

Através do levantamento de dados e conteúdos deste trabalho, podemos concluir que as transformações na forma de pensar e agir da sociedade estão mudando rapidamente. Com isso, as normas que foram passadas de geração a geração de como se relacionar, perdem a

referência para um novo conceito de sociabilidade, de interação onde o real se mistura ao virtual, em uma linha tênue e quase imperceptível de limites e regras a serem seguidos.

Não se pode esquecer todos os aspectos positivos que a internet trouxe a sociedade, este trabalho não vai contra as plataformas digitais, e sim tem o objetivo de compreender como essas mudanças de comportamento podem afetar em nosso cotidiano. É necessário lembrar que ainda que as plataformas digitais tenham seus lados negativos e positivos, é preciso andar sobre a linha tênue que separa o vício da moderação. É preciso desligar o computador, tablet ou celular, ativar o modo offline para perceber os danos de estar conectado o tempo todo, e como isso está influenciando na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Thiago. RODRIGUES, Kátia Regina Beal. SILVA, Ailton Amélio. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. Artigo publicado em 27 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf> Acesso em 25 de março de 2015
- ARAÚJO, Cidália et al. Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em < http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. *O medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- _____. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- _____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- _____. “44 cartas do mundo líquido moderno”. Trad.: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- CASTELLS, M. *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Tradução de ESPANHA, R. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- _____. *A Sociedade em Rede*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CASTELO, Marcelo, *Tempo de Alerta*, InfoMoney – 2007. Disponível em: <http://imasters.uol.com.br/artigo/14570> Acesso em 10 de Abril de 2015
- FRAZEN, Jonathan. *Amor sem pudor*. Folha de São Paulo, 16 de novembro de 2008. Disponível em: www.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1611200806.htm#_=_ Acesso em 19 de Abril de 2015
- GIARDELLI, Gil. *Você é o que você compartilha: e- agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede*. São Paulo: editora Gente, 2012.
- GONÇALVES, Márcio Souza. *Amores virtuais: uma minoria desejante*. Disponível em: www.eco.ufrrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera03/perfil/mat3/txtmat3.htm. Acesso em: Setembro. 2015.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro, Dp&a Editora, 2005.
- ITO, M., *A New Set of Social Rules for a Newly Wireless Society.*, in Japan. Disponível em: www.ojr.org/japan/wireless/1043770650.php. Acesso Abril de 2014 Acesso em 19 de Abril de 2015.

LEMOS, André L. M. *Agregações Eletrônicas ou Comunidades Virtuais? Análise das listas FACOM e Cibercultura.*, n. 14. março, 2002. Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_14.htm Acesso em 19 de Abril de 2015.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf Acesso em 20 de Abril de 2015.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996.

LYPOVESTSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MANTOVANI, Camila Maciel. *Telefonia Celular: Informação e Comunicação em Novo Espaço de Fluxo*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em www.portcom.intercom.org.br/pdfs/79903392067139223359944593220619405378.pdf Acesso em 20 de Abril de 2015

MOURA, Maria Aparecida; MANTOVANI, Camila Maciel. *Fluxos informacionais e agregação just-in-time: interações sociais mediadas pelo celular*. Revista TEXTOS de laCiberSociedad, n.6. 2005. In MANTOVANI, Camila Maciel. *Telefonia Celular: Informação e Comunicação em Novo Espaço de Fluxo*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Disponível em: www.portcom.intercom.org.br/pdfs/79903392067139223359944593220619405378.pdf Acesso em 20 de Abril de 2015

MORIGI, V. J. & PAVAN, C. Entre o “Tradicional” e o “Virtual”: o uso das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas bibliotecas universitárias. REVISTA ACB, vol.8 nº1 (2004).

PLATÃO. *Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. Ed. 5. 1991

PRIMO, Alex. *Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo*. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALGADO, Luciana Maria Allan. *A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo: Um Estudo das suas Estruturas e de seus Usuários*. 2002. 170f. Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27149/tde-02042004-111121/>. Acesso em: 12 de Setembro, 2015.

SEMERENE, Bárbara. *Abrindo as Portas dos Salões Virtuais*. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 29-40.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TJARA, Sanmya F. *Comunidades Virtuais: um fenômeno na sociedade do conhecimento*. São Paulo: Érica, 2002.

TOWNSEND, A., *Wired / Unwired: The Urban Geography of Digital Networks*, PhD dissertation, MIT, September 2003.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*; Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Dominique Wolton desconstrói as utopias digitais*; Jornal do Brasil, Bolívar Torres, 26 de abril de 2010. Disponível em: <www.jb.com.br/cultura/noticias/2010/04/26/em-seu-novo-livro-dominique-wolton-desconstrói-as-utopias-digitais/> Acesso em: 15 de novembro de 2015

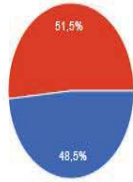
ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário - Sexo e idade dos participantes

70 respostas

[Visualizar todas as respostas](#) [Publicar análise](#)

Resumo



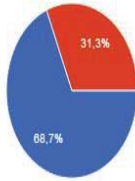
Homem	33	48.5%
Mulher	35	51.5%

Idade

18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
...	

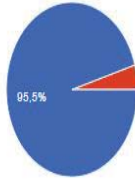
ANEXO 2 – Questionário – Perguntas e respostas

Você já teve relações no Tinder que duraram pouco?



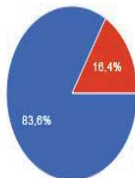
Sim	46	68.7%
Não	21	31.3%

Você acredita que muitas pessoas utilizam o aplicativo para ter apenas relações sexo-afetivas?



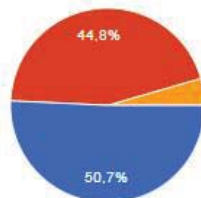
Sim	63	95.5%
Não	3	4.5%

Para construir um perfil que gere interesse no Tinder, o usuário cria, em muitos casos, um alterego digital. Ou seja, qualidades e interesses que possam atrair mais pessoas. Você concorda com isso?



Sim	56	83.6%
Não	11	16.4%

Para você, ter um perfil no Tinder causa muita exposição?



Sim	34	50.7%
Não	30	44.8%
Outros	3	4.5%

Número de respostas diárias

